



Afro-Ásia

ISSN: 0002-0591

revista.afroasia@gmail.com

Universidade Federal da Bahia

Brasil

Losch, Paul S.

Dr. Henry W. Furniss, Cônsulafro-norte-americano na Bahia, 1898-1905

Afro-Ásia, núm. 40, 2009, pp. 223-258

Universidade Federal da Bahia

Bahía, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77019782006>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



**DR. HENRY W. FURNISS,
CÔNSUL AFRO-NORTE-AMERICANO NA BAHIA,
1898-1905**

*Paul S. Losch**



Foi um desejo pessoal vir à Bahia. Tinha ouvido falar dela por anos, e de Salvador, uma grande cidade, e também por causa da comunidade afro-brasileira daqui, a expressão da sua cultura. E, claro, sou descendente de africanos e sempre acrediitei que Brasil e Estados Unidos, em alguns aspectos, se parecem mais entre si do que quaisquer outros dois países no mundo. A tradição da grande diáspora europeia, latina e africana, todos vivendo lado a lado, então eu quis vir à Bahia. E posso ver que não estava errada. É lindo aqui. Eu só sinto ter demorado tanto a conhecê-la (Condoleezza Rice, 13 de março, 2008).¹

A Secretaria de Estado dos Estados Unidos, ao fazer essa declaração durante sua visita à Bahia, em 2008, não foi a primeira diplomata afro-norte-americana a emitir semelhantes afirmações.² Mais de um

* Vice-Diretor, da Biblioteca Latino-americana, Universidade da Flórida (Gainesville). Mestre em Estudos Latino-americanos pela Universidade da Flórida. Mestre em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Floridense (Tallahassee). Foi professor da Escola Pan-americana da Bahia, onde morou por três anos. Agradeço a Diego Silva Ribeiro, estudante do Instituto de Letras da UFBA, pela ajuda na redação em português, e também a Diane Furniss Happy, pelas informações fornecidas sobre o avô.

¹ “Entrevista da Secretária de Estado Condoleezza Rice a William Waack, da TV Globo”, <http://www.embaixadaamericana.org.br/index.php?action=materia&id=6625>, acessado em 03/09/2009. Essa é a tradução que aparece no site oficial. Todas as outras citações neste trabalho, de fontes em inglês, foram traduzidas por mim.

² Existem estudos de como o Brasil tem sido visto por negros nos Estados Unidos: um “paraíso racial” e os problemas relativos a essa visão. David J. Hellwig, “Racial Paradise Or Run-Around? Afro-North American Views of Race Relations in Brazil”, *American Studies*



século antes, o Dr. Henry Watson Furniss (1868-1955) foi cônsul dos Estados Unidos em Salvador e tinha impressões parecidas sobre a convivência racial na cidade. A história de Furniss, hoje quase esquecida, é interessante por vários motivos. Ele passou oito anos (1898-1905) no consulado, até ser promovido ao cargo de Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos no Haiti. A extensa documentação que deixou da sua passagem pela Bahia serve hoje como uma rica fonte para quem estuda a história daquele estado na Velha República ou dos Estados Unidos na sua ascensão à potência mundial. Além de diplomata, Furniss era um cientista, com vários cursos de pós-graduação em medicina e farmácia, e isso permitiu que pudesse participar da vida intelectual da época e anotar detalhadamente vários aspectos naturais e sociais da Bahia.

O que torna o caso de Furniss fora do comum é o fato de ele ser negro.³ Isso é porque, em primeiro lugar, ele era um dos poucos diplomatas negros dos Estados Unidos nessa época.⁴ Por motivos políticos, a raça a que pertencia teve um peso grande na sua carreira diplomática, ajudando-o em alguns momentos e, em outros, prejudicando-o. Em segundo lugar, o fato de ele ser um norte-americano negro conferiu-lhe uma perspectiva especial, de quem teve a oportunidade de conhecer de perto as diferenças entre os Estados Unidos e o Brasil, no que diz respeito às questões raciais.

(Lawrence), vol. 31, nº 2 (1990), pp. 43-60; Hellwig, *African-American Reflections on Brazil's Racial Paradise*, Philadelphia: Temple University Press, 1992; Robert Fikes Jr., "U.S. Blacks' Perceptions, Experiences and Scholarship regarding Central and South America, 1822-1959", *Negro Educational Review*, vol. 57, nº 3/4 (2006), pp. 171-86.

³ A categorização racial de Furniss, no Brasil e nos Estados Unidos, é tratada em detalhe mais adiante. Em geral, o identificamos como "negro", porque, durante muitos anos, foi assim reconhecido nos Estados Unidos.

⁴ A escassa presença afro-norte-americana na diplomacia dos Estados Unidos é tema de vários trabalhos. James A. Padgett, "Diplomats to Haiti and their Diplomacy", *Journal of Negro History*, vol. 25, nº 3 (1940), pp. 265-330; Laurence John Wesley Hayes, *The Negro Federal Government Worker; a Study of His Classification Status in the District of Columbia, 1883-1938*, Washington: Howard University, 1941; Michael L. Krenn, *Race and U.S. Foreign Policy from 1900 through World War II*, New York: Garland Publishers, 1998. O grupo de cônsules negros nomeados na mesma época que Furniss é tema de Benjamin R. Justesen, "African-American Consuls Abroad, 1897-1909", *Foreign Service Journal* (September 2004), pp. 72-6. A carreira de Furniss no Haiti, em particular, é tema de Charles E. Wynes, "Black Diplomats to Haiti, Prejudice and Henry Watson Furniss", *Midwest Quarterly*, vol. 24, nº 2 (1983), pp. 189-98.



A família e a educação de Henry Watson Furniss

A juventude de Furniss foi marcada pela luta dos negros para se estabelecerem na época após a guerra entre os estados americanos do Norte e os do Sul (1861-1865). Seus pais eram negros livres, criados e educados no Norte. O pai, William H. Furniss, fazia o curso superior em New Hampshire, antes de partir para a guerra.⁵ De volta a Nova York, casou-se com a professora Mary Elizabeth Williams, em 1867, e o primeiro filho deles, Henry, nasceu no Brooklyn, no dia 14 de fevereiro de 1868.⁶ Já no ano de 1870, o pai, a mãe e o pequeno “Harry” (como era chamado na família), se encontravam em Jackson, Mississippi, onde William foi oficial do “Freedmen’s Bureau,” a agência do Governo Federal, criada principalmente para ajudar os escravos recém-libertados.⁷ No Mississippi, teve várias funções, entre elas a direção de escolas para a população negra, e o cadastramento de eleitores negros.⁸ Com a eventual retirada do Exército Federal e o fim do projeto de “Reconstrução” do Sul, a família Furniss, acrescentada por mais um filho, Sumner, se mudou do Mississippi para longe das represálias contra o regime nortista. Por um tempo, o pai foi professor de matemática no Lincoln Institute (hoje Lincoln University), colégio para negros no Missouri. Posteriormente, estabeleceram-se em Indianápolis, onde ele conseguiu um emprego na agência dos Correios.

Foi nessa cidade que o jovem Henry terminou o colégio e iniciou

⁵ O nome de William H. Furniss consta na lista de estudantes do Curso Científico de Dartmouth College, em New Hampshire (1859-1860). Ele acompanhou um regimento do norte para a ocupação de Carolina do Sul, não como combatente, mas como vivandeiro, segundo as lembranças de um companheiro de guerra, Samuel R. Scottron, “Manufacturing Household Articles” (Reprinted from the *Colored American Magazine*, October 1904), in *A Hammer in their Hands: A Documentary History of Technology and the African-American Experience*, Cambridge: Ed. Carroll W. Pursell, MIT Press, 2005, pp. 397-400. Como a participação de soldados negros ainda era restrita no exército do norte, muitos tiveram que se conformar com trabalhos de vivandeiro, enfermeiro e outras funções de apoio ao combatente.

⁶ Até o seu nome, “Henry Watson”, parece ser inspirado nas lutas abolicionistas. Havia um escravo fugido, com esse nome, que ficou famoso por ter sua autobiografia publicada por grupos abolicionistas. Henry Watson, *Narrative of Henry Watson*, Boston: Bela Marsh, 1848.

⁷ “1870 United States Federal Census.” www.ancestrylibrary.com, acessado em 07/09/2009.

⁸ Era oficial dos Arquivos Administrativos do Estado (“Assistant Secretary of State”). Sua firma também aparece como testemunha nos depoimentos de negros analfabetos que davam queixa sobre a Ku Klux Klan. *Report of the Joint Select Committee to Inquire into the Condition of the Late Insurrectionary States*, vol. XI, Washington: Government Printing Office, 1872.



o estudo da medicina, mas completou o curso em Washington, porque lá conseguiu um emprego na agência do Censo. Os trabalhos do recenseamento nacional o ocuparam de 1889 até 1892, e, durante esse período, em 1891, se tornou médico pela Howard University, uma instituição de ensino superior criada no fim da guerra especificamente para a população negra. Henry se mostrou um estudante brilhante e continuou os estudos na Harvard University, onde fez o curso de mestrado em 1893.⁹ Entre 1893 e 1894, fez especialização na Faculdade de Medicina de Nova York, e, em 1895, de volta àquela Universidade, completou o doutorado em Farmácia. Também em Washington, fez o internato no Freedmen's Hospital, em 1895-1896, sob a orientação do reconhecido cirurgião negro Dr. Daniel Hale Williams, primo da sua mãe.¹⁰

Enquanto Henry estudava e trabalhava nas grandes cidades do Leste, o irmão Sumner também se tinha formado em Medicina, na Faculdade de Indianápolis. Henry voltou para essa cidade e lá tiveram um consultório em conjunto durante um breve período.¹¹ A sociedade não durou muito tempo, pois, em 1897, apareceu mais uma oportunidade tentadora para Henry Furniss, o convite para o consulado na Bahia.

Os ossos do ofício

A nomeação de Furniss para o cargo na Bahia foi resultado de uma indicação política e de uma desistência por parte de outro. Saiu no *Washing-*

⁹ Furniss é identificado como o primeiro afrodescendente a fazer o curso de pos-graduação na Faculdade de Medicina de Harvard, segundo Nora N. Nercessian, *Against all Odds: the Legacy of Students of African Descent at Harvard Medical School Before Affirmative Action, 1850-1968*, Boston: Harvard Medical School, 2004.

¹⁰ Williams é tido por alguns autores como o primeiro norte-americano a fazer uma cirurgia cardíaca. Sua vida e o tempo de Furniss no Freedmen's Hospital são contados em Helen Buckler, *Doctor Dan, Pioneer in American Surgery*, Boston: Little-Brown, 1954.

¹¹ O irmão de Henry recebeu o nome "Sumner" em homenagem ao famoso senador abolicionista de Massachusetts, Charles Sumner. Como o irmão, Sumner também acabou destacando-se na medicina e no serviço público durante a sua vida, mas sempre radicado em Indianápolis. Consta que havia protestos contra a sua contratação pelo Hospital Municipal em 1893, porque havia pacientes brancos que não queriam ser atendidos por um médico negro. Eventualmente, ele ajudou a estabelecer o Lincoln Hospital, que atendia principalmente à comunidade negra, e foi o primeiro diretor dessa instituição. Chegou a ser um dos primeiros vereadores negros da cidade, ocupando lugares de destaque na organização local do Partido Republicano e em vários grupos maçônicos. Emma Lou Thornburgh, *The Negro in Indiana Before 1900: A Study of a Minority*, Bloomington: Indiana University Press, 1993.



ton Post, do dia 7 de agosto 1897, que o Dr. Samuel A. Elbert, de Indianápolis, tinha sido escolhido para o cargo, mas o tinha recusado.¹² Foi o primeiro médico negro no estado e era muito respeitado pela sua comunidade. Mas, no momento em que foi indicado, já tinha 66 anos de idade, e voltou de Washington certo de que o cargo na Bahia não era para ele. A escolha passou para o jovem Furniss, que só tinha 29 anos quando foi formalmente nomeado para o consulado, em novembro de 1897, pelo Presidente William McKinley, republicano. Furniss foi um dos onze consules negros nomeados por McKinley. O interesse do governo em escolher um negro de Indiana se devia a dois importantes republicanos desse estado, o Senador Charles W. Fairbanks e o Deputado Federal Jesse Overstreet.¹³ A ajuda desses dois não passou despercebida ao *Colored American*, jornal da comunidade negra de Washington, que, em 1902, lembrou aos leitores que foram eles que indicaram Furniss para o consulado, e que isso era prova da sua boa vontade para com a população negra.¹⁴

Conforme a declaração formal que fez, ao aceitar o cargo, Furniss nunca tinha viajado para fora dos Estados Unidos antes de embarcar para a Bahia, onde chegou no início de março de 1898.¹⁵ Ocupou o cargo durante o período da expansão comercial e militar dos Estados Unidos na América Latina. Só um mês depois da sua chegada começou a guerra entre os Estados Unidos e a Espanha, e Furniss até teve uma pequena participação na sua história naval.¹⁶ A esquadra norte-americana no Caribe esperava a chegada do encouraçado *Oregon*, para co-

¹² “Doesn’t Care to Go to Bahia”. *The Washington Post*, 07/08/1897, p. 1, “Dr. Elbert, Colored, Declines Office”, *New York Times*, 07/08/1897, p. 3. Elbert morreu em 1902.

¹³ Fairbanks foi eleito para o Senado pelo Estado de Indiana em 1896, e continuou no cargo até ganhar a Vice-Presidência, em 1904. Os seus documentos pessoais estão arquivados na Biblioteca Lilly, da Universidade de Indiana, em Bloomington, e nessa correspondência existe uma pasta de cartas recebidas de Henry Furniss. Doravante, essa fonte será identificada como “Arquivo Fairbanks.”

¹⁴ “Indiana to the Fore”, *The Colored American*, Washington, D.C., 18/10/1902, p. 3.

¹⁵ United States National Archives (doravante USNA), Record Group (doravante RG) 59, Despatches from United States Consuls in Bahia, 1850-1906, T-331:7, *U.S. Consul H. W. Furniss to Second Assistant Secretary of State Alvey A. Adey*, Indianápolis, 30/01/1898.

¹⁶ Foi essa guerra que resultou na ocupação norte-americana de várias ex-colônias espanholas, como Cuba, Porto Rico e as Filipinas, deixando os Estados Unidos com um novo império ultramarino.



meçar o ataque contra os espanhóis em Cuba.¹⁷ Vindo a todo vapor da Califórnia, pelo Cabo de Hornos, o *Oregon* fez uma escala rápida na Bahia, e ficaram para Furniss várias contas deixadas sem pagar pela Marinha, tendo ele passado um telegrama furtivo a Washington, confirmado a partida do navio rumo ao Caribe.

Coube também a Furniss receber os pêsames da sociedade baiana na ocasião do assassinato de McKinley, em 1902, e de organizar as visitas formais de vários altos oficiais navais e diplomáticos dos Estados Unidos que passaram pela Bahia.¹⁸ Durante os seus oito anos no consulado, ele chegou a conhecer os governadores Luis Vianna, Severino Vieira e José Marcelino de Souza, em vários atos oficiais. Seu nome foi relacionado às notícias internacionais numa outra ocasião, em agosto de 1905, quando um estelionatário francês muito procurado foi detido num iate, na Bahia. Furniss serviu de correspondente telegráfico, enviando as notícias do caso a pedido da imprensa de Nova York.¹⁹

Entretanto, no trabalho cotidiano do consulado, tratava-se pouco de assuntos graves de Estado, de visitas ceremoniais ou de escândalos internacionais. Para Furniss, como para os outros que tinham ocupado o cargo antes dele, o principal no dia a dia foi cuidar da documentação de navios

¹⁷ O *Oregon* tinha zarpado de São Francisco, na Califórnia, em março e teve que circumnavegar o continente sul-americano em prazo record para chegar a tempo para o combate, em maio. Foi essa corrida que convenceu o presidente seguinte, Theodore Roosevelt, da necessidade de garantir, até pela força, a construção do Canal do Panamá. O governo brasileiro soube que havia uma esquadra espanhola na costa, à procura do *Oregon*, obrigado a sair do porto apressadamente, depois de abastecer, talvez querendo evitar um confronto naval nas águas da Bahia, como aconteceu entre o *Wachusett* e o *Florida*, em 1864, durante a Guerra entre os Estados. O *Oregon* saiu da Bahia à noite, sem luzes e com uma nova capa de tinta escura que nem teve tempo de secar. Sanford Sternlicht, *McKinley's Bulldog, the Battleship Oregon*, Chicago: Nelson-Hall, 1977.

¹⁸ Entre os mais notáveis desses visitantes estavam o Ministro Charles P. Bryan, em 1899, e o Almirante W. S. Schley, em 1900. A calorosa recepção de Bryan pelas autoridades baianas causou especulação num jornal norte-americano, ou seja, que pudesse haver uma aproximação entre ele e o Senador Ruy Barbosa, baiano tido como não simpático aos Estados Unidos. “Fete in Honor of Roca”, *Washington Post*, 09/08/1899, p. 3.

¹⁹ O falso “Barão de Gravald” tinha defraudado um banco parisiense, alugando um iate de luxo e fugindo para a Bahia com uma atriz casada. Pericles Madureira de Pinho, *São Assim Os Baianos*, Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960, p. 175. Pinho, filho do então Chefe da Polícia baiana, diz que Furniss enviou as reportagens sobre o caso Jean Gallay para o *Sun*, de New York, mas parece que, de fato, foi para o concorrente, o *Herald*. O nome do correspondente não aparece nas reportagens do *Herald*, repassadas para vários jornais dos Estados Unidos.



que partiam para os Estados Unidos ou que de lá chegavam. No balanço geral para 1902, ele indica que, em doze meses, havia 17 saídas de navios da Bahia para os Estados Unidos, e que ele tinha preparado 85 atestados de saúde para passageiros que embarcavam para lá.²⁰ Também disse ter certificado 351 listas de envios de produtos que estavam sendo exportados para os Estados Unidos (principalmente o açúcar, o café e o cacau), mas só 24 listas de produtos norte-americanos importados pela Bahia. Além do cotidiano, temos registros de naufrágios, disputas trabalhistas de marinheiros, problemas alfandegários e outros assuntos do comércio marítimo que ocuparam muito o tempo de Furniss.²¹

Zelou muito para dar uma aparência digna às instalações do consulado, que achou “piores do que as das potências de segunda categoria nesta cidade, como as do Chile e da Noruega”.²² No primeiro mês, queixou-se do estado sujo da repartição, que ficava dentro de uma casa norte-americana de importação e exportação na Rua das Princesas (hoje Avenida Portugal, no Comércio). Mandou para Washington vários pedidos de mobiliário, livros, mapas e outros melhoramentos. Solicitou várias vezes a troca do escudo e da bandeira da porta, que estavam avariados pelo clima.²³

Em 1899, um norte-americano que passou pela Bahia escreveu uma crônica de viagem para o *Washington Post* em que elogiou a habilidade do cônsul Furniss e desprezou o estado físico do consulado.²⁴ Pouco depois, o cônsul conseguiu autorização para alugar um gabinete mais caro na Cidade Alta, em frente ao Elevador Lacerda e aos palácios dos governos estadual e municipal. O único defeito que achou nesse novo endereço nobre era o sol forte da tarde, e encomendou persianas de Nova York para diminuir a claridade. Supõe-se que ele aprendeu pelo menos a ler o português, porque também pediu dinheiro para assinar jornais da Bahia e

²⁰ Henry W. Furniss, “Bahia”, *Commercial Relations of the United States with Foreign Countries*, vol. 1, Washington: Government Printing Office, 1902, pp. 688-718.

²¹ Duas vezes Furniss reclamou de Washington que havia navios brasileiros usando bandeiras muito parecidas com a dos Estados Unidos, e esses casos chegaram a ser tratados pelo próprio Barão do Rio Branco. *Foreign Relations of the United States* (1904), pp. 101-3; e *Foreign Relations of the United States* (1905), pp. 97-9.

²² USNA, RG 59, T-331:7, Despatches from United States Consuls in Bahia, *H. W. Furniss to Third Assistant Secretary of State Thomas W. Cridler*, Bahia, 28/03/1898.

²³ USNA, RG 59, T-331:8, *Furniss to Hill*, Bahia, 04/08/1902.

²⁴ Joseph I. Muentzer, “Scenes in Busy Bahia”, *The Washington Post*, 11/06/1899, p. 22.



do Rio, para se manter em dia com os acontecimentos políticos e comerciais. Os seus superiores, em Washington, estavam aparentemente satisfeitos com o trabalho dele e, em geral, aprovavam os pedidos que fazia.

Interessava-se muito pela nova tecnologia. Foi o primeiro cônsul norte-americano na Bahia a datilografar a sua correspondência. Logo ao chegar, alugou uma máquina de escrever e pediu autorização para comprar uma. Infelizmente, o navio que a trazia afundou, e ele teve que pedir outra. Antes de deixar o cargo, mandou uma carta a Washington, justificando a instalação de um telefone no consulado, porque, com isso, ia economizar o tempo e o dinheiro que gastava descendo para a Cidade Baixa para se comunicar com os comerciantes e os capitães de navio.²⁵ Também era adepto da fotografia e ele mesmo revelava as fotos que tirava. Mandou para Washington vários relatórios, com fotos anexadas, e ainda escreveu duas matérias sobre as excursões que fez pela Bahia, amplamente ilustradas com imagens feitas por ele, que saíram no *Boletim do Bureau das Repúblicas Americanas*.²⁶

Furniss como promotor de comércio

Nesse período, a economia norte-americana estava numa fase de pleno crescimento e, portanto, havia grande interesse em descobrir novos mercados para a produção nacional no exterior. Também, em menor escala, os capitalistas norte-americanos buscavam encontrar oportunidades para investimento em outros países.²⁷ Com essas tendências, os consulados começaram a atender a muitos pedidos de informação, vindos de empresas norte-americanas. Ele informa, por exemplo, ter recebido, em 1902, 426 correspondências e escrito umas 515, na maioria,

²⁵ USNA, RG 59, T-331:8, *Furniss to Loomis*, Bahia, 20/09/1905.

²⁶ Henry W. Furniss, "Whaling in Brazil", *Bulletin of the International Union of the American Republics*, vol. 29, nº 6 (June 1909), pp. 1048-54; "A Trip to Paulo Affonso Falls", *Bulletin*, vol. 30, nº 1 (1910), pp. 66-82. O Bureau é hoje a Organização dos Estados Americanos (OEA).

²⁷ Um grande investimento de capital norte-americano na Bahia foi anunciado no mês em que Furniss deixou o consulado. Em novembro de 1905, a Bahia Gas and Electric Company, de Portland, Maine, recebeu a concessão para as obras energéticas na cidade. Poucos anos depois, em 1909, a concorrência entre essa empresa (do Grupo Percival Farquhar) e a de Guilherme Guinle levaria a violência às ruas de Salvador. Supõe-se que Furniss tinha algum papel em ajudar a empresa norte-americana a se estabelecer na Bahia.



relativas à informação comercial. Parece ter-se dedicado muito a essa função, que lhe permitia estudar os gostos, os costumes e as práticas da população local.²⁸ Por causa da sua formação científica e sua experiência, adquirida trabalhando no censo, foi muito habilidoso na preparação de detalhados registros sobre a oferta e a demanda de vários produtos na praça. Quase quarenta desses informes foram tão bem elaborados que saíram em jornais e revistas dos Estados Unidos, além de resultarem em elogios a Furniss por oficiais e comerciantes.

Alguns dos informes que ele preparava resumiam as notícias econômicas e políticas, ou comunicavam dicas práticas sobre os métodos comerciais na praça. Também enviava notícias de outras oportunidades para empresas norte-americanas, como avisos de licitações traduzidos para o inglês.²⁹ A maioria dos informes tratava ou da demanda por determinado produto específico, que algum fabricante norte-americano queria vender, ou da oferta de alguma matéria-prima baiana que pudesse interessar aos importadores nos Estados Unidos. Muita informação Furniss conseguia em primeira mão, às vezes viajando para o interior. Descreve em detalhes o aproveitamento de vários recursos naturais, como os carbonatos da Chapada Diamantina, o manganês de Santo Antônio de Jesus, e a areia monazita, de Prado.³⁰ Também informava sobre o cultivo da “borracha de maniçoba”, em Jequié, sobre os engenhos de açúcar em Sergipe, e sobre os vários tipos de indústrias que se tinham instalado em Salvador.³¹

Não era uma boa época para a economia brasileira, e isso deprimia a demanda para as mercadorias norte-americanas. Furniss comentou, por exemplo, que o mercado para implementos agrícolas deveria ser maior, já

²⁸ Furniss sugeriu que pudesse ter um vice-cônsul de tempo integral, que cuidasse da documentação de navios e que lhe permitisse dedicar mais tempo às pesquisas comerciais. *Promotion of Trade Interests*, Washington: Government Printing Office, 1905, pp. 197-8.

²⁹ “Bids for Coal in Brazil”, *Consular Reports*, vol. LX, nº 225 (1899), pp. 351-2; “New Road in Bahia”, *Consular Reports*, vol. LXX, nº 267 (1902), pp. 473-4; “Agricultural Banking System in Bahia”, *Consular Reports*, vol. LXXI, nº 269 (1903), pp. 206-8.

³⁰ “Monazite Concession in Brazil”, *Consular Reports*, vol. LX, nº 224 (1899), pp. 143-5; “Manganese Mining in Bahia”, *Consular Reports*, vol. LXI, nº 229 (1899), pp. 226-8; “Diamonds and Carbons in Bahia”, *Consular Reports*, vol. LXX, nº 265 (1902), pp. 145-54.

³¹ “Discovery of Maniçoba Rubber Forests in Brazil”, *Monthly Consular Reports*, vol. LXXVI, nº 287, (1904), pp. 52-7; “Production of Sugar in Sergipe”, *Consular Reports*, vol. LXIX, nº 263 (1902), pp. 577-84; “Trade and Industrial Conditions in Bahia”, *Consular Reports*, vol. LXX, nº 264 (1902), pp. 90-105.



que a Bahia era uma região agrária, e culpou, em parte, a seca que castigava o agricultor baiano e a falta de crédito no Brasil, em geral.³² Disse que só os mais simples e baratos, como o arame farpado e as enxadas, iam vender bem na Bahia, e que não teria muita demanda para equipamentos mais modernos, como a bomba d'água movida a vento, por exemplo.³³ Mas, para ele, isso não era só por causa da situação financeira, mas também pelos costumes da praça. Segundo ele, o agricultor baiano não investia em tecnologia para economizar na mão de obra, que já era muito barata. Nem o arado, pensava ele, era muito utilizado. Mesmo quando havia dinheiro, os homens de negócios estavam satisfeitos em tirar qualquer lucro fácil, em vez de pensar em melhorias.

Apesar dos problemas, Furniss achou que havia, sim, mercado para uma variedade de produtos norte-americanos na Bahia. Observou, por exemplo, que haveria uma crescente demanda de carvão, com a nova iluminação a gás de Salvador, e que os ingleses ainda não tinham concorrência para o seu produto.³⁴ Informou que tinha mercado para sapatos importados, mas que ainda não havia o costume, entre os baianos, de usar roupas pré-fabricadas.³⁵ Achou que os aparelhos fotográficos dos Estados Unidos seriam uma novidade bem-vinda no mercado, e que as várias escolas de missionários norte-americanos que estavam sendo abertas na região iriam precisar de um fornecedor de material.³⁶ Disse

³² Para Furniss, as quebras bancárias que se seguiram ao *Encilhamento* brasileiro serviam como prova da importância do “Gold Standard” do Partido Republicano nos Estados Unidos. O deputado Overstreet, um dos padrinhos políticos de Furniss, era um dos mais fervorosos defensores dessa política monetária, que obrigava o Governo dos Estados Unidos a manter sempre uma quantia de ouro para respaldar as notas de papel que emitia. Era considerada como uma maneira de controlar a inflação, mas a oposição reclamava que também inibia o crescimento econômico e o acesso ao crédito por pequenos agricultores e comerciantes. Furniss observou muitas vezes que a inflação e a especulação cambial tinham um efeito muito desestabilizante na economia, e também que o povo valorizava muito os dólares de ouro americano, porque não confiava no papel nacional.

³³ “Agricultural Implements in Eastern Brazil”, *Consular Reports*, vol. LXIII, nº 236 (1900), pp. 7-8. “Bahia”, in *Windmills in Foreign Countries, Special Consular Reports*, vol. XXXI (1904), pp. 104-5.

³⁴ “Bahia”, in *Foreign Markets for American Coal, Special Consular Reports*, vol. XXI, Part I (1900), pp. 253-6.

³⁵ “Shoes in Brazil”, *Consular Reports*, vol. LXIII, nº 236 (1900), pp. 6-7. “Bahia”, in *Ready Made Clothing in Latin America, Special Consular Reports*, vol. XX, Part I (1900), p. 61.

³⁶ “Photographic Apparatus and Supplies in Brazil”, *Consular Reports*, vol. LXVIII, nº 257 (1902), pp. 256-9.



que os sabonetes e perfumes da Colgate vendiam bem nas farmácias, e que já se produziam na Bahia imitações de alguns remédios norte-americanos, vendidos em embalagens tão parecidas com as importadas que enganavam os clientes desatentos.³⁷

Observou, ainda, que havia outros produtos que não valiam a pena ser exportados para a Bahia. A cervejaria Miller, de Milwaukee, por exemplo, escreveu para saber se existia um mercado para o seu produto, mas ele não foi muito animador na resposta.³⁸ Disse que a cerveja norte-americana teria muita concorrência com o produto nacional, o inglês e o alemão entre os consumidores mais abastados, já que a cachaça era barata e atendia às faixas menos privilegiadas da população. Opinou que as frutas enlatadas dos Estados Unidos não iam vender bem, pois a abundância do produto, ainda fresco, inibia a demanda.³⁹ Sobre a importação de pólvora, disse que as regras de segurança eram muito complicadas, e que a demanda era principalmente para foguetes baratos, queimados em festas de santos.⁴⁰ Por razões óbvias, achou uma perda de tempo e dinheiro tentar vender na Bahia os grandes fogões de ferro que esquentavam as cozinhas nos Estados Unidos.⁴¹ A bicicleta não ia ter muita aceitação na cidade, segundo ele, por causa da topografia e da condição das ruas.⁴² Em grande parte, suas observações parecem acertadas, mas nem sempre. A um fabricante de equipamentos para fazer gelo, disse que teria pouca demanda, porque o brasileiro não gostava de bebidas geladas.⁴³

Criticava muito os comerciantes norte-americanos por não aprenderem mais sobre o mercado brasileiro, e por não procurarem ter noções da língua portuguesa. “Os folhetos em português são pouco lidos

³⁷ “Bahia”, in *Drug Trade in Foreign Countries, Special Consular Reports*, vol. XIV (1898), pp. 279-98.

³⁸ “Beer Trade in Bahia”, *Consular Reports*, vol. LXIII, nº 236 (1900), pp. 8-10.

³⁹ “Fruits in the Bahia Market”, in *Foreign Markets for American Fruits, Special Consular Reports*, vol. XXXII (1904), pp. 193-4.

⁴⁰ “Gunpowder in Bahia”, *Consular Reports*, vol. LVIII, nº 219 (1898), pp. 602-3; “Importation of Explosives Into Brazil: Bahia”, *Monthly Consular Reports*, nº 295 (1905), pp. 253-4.

⁴¹ “Bahia”, in *Foreign Trade in Cooking and Heating Stoves, Special Consular Reports*, vol. XXII, Part III (1901), pp. 318-21.

⁴² “Bahia”, in *Commercial Relations of the United States with Foreign Countries* (1899) vol. 1, p. 597-614.

⁴³ “Manufacture of Ice in Latin America: Brazil”, *Consular Reports*, vol. LXIII, nº 238 (1900), pp. 269-70.



aqui. Os em inglês vão diretamente para o lixo”.⁴⁴ Reclamou que os exportadores norte-americanos tinham muitos problemas por desconhecerem as regras da alfândega brasileira, e também porque não havia concorrência entre as empresas de navegação para o comércio dos Estados Unidos com a Bahia.⁴⁵ Com frequência, observava que os europeus tinham muito mais jeito para o comércio internacional. Entendiam, por exemplo, que o lojista baiano só podia comprar a prazo, mas que, geralmente, pagava as dívidas. Os *Yankees*, mais inexperientes, perdiam muitas oportunidades por só quererem vender à vista.

Furniss como cientista

Além do comércio, em várias ocasiões Furniss contribuiu para promover o intercâmbio intelectual entre o Brasil e os Estados Unidos. Por exemplo, comprou livros brasileiros para enviar à Library of Congress (Biblioteca Nacional) em Washington, e encaminhou para o acervo paleontológico da Smithsonian Institution (Museu Nacional) um peixe fossilizado que recebeu na Bahia.⁴⁶ Também demonstrou grande interesse em receber pesquisadores científicos que vinham de fora e, muitas vezes, reconheciam nos trabalhos publicados a ajuda prestada pelo cônsul. O geólogo Orville Derby, no seu artigo sobre a Chapada Diamantina, agradece a Furniss por ter servido de fotógrafo na sua expedição a essa região, em 1904.⁴⁷ Dois entomólogos rivais, George Compere e Charles Lounsbury, visitaram a Bahia em 1905, em busca de uma variedade de besouros que queriam testar como um inimigo natural da mosca-das-

⁴⁴ “Trade and Industrial Conditions in Bahia”, *Consular Reports*, vol. LXX, nº 264 (sept. 1902), p. 101.

⁴⁵ As observações de Furniss foram citadas no Congresso dos Estados Unidos, numa investigação sobre os cartéis de navegação e o seu prejuízo para a exportação norte-americana. *Hearings Before the Committee on Merchant Marine and Fisheries, House of Representatives, April 4 to 13, 1906*, Washington: Government Printing Office, 1906.

⁴⁶ Sobre os livros, veja USNA, RG 59, T-331:7, *Furniss to Crider*, Bahia, 05/05/1898. Consta que o fóssil nº 43695 foi doado pelo Sr. Álvaro Guimarães, por intermédio do cônsul H. W. Furniss, no *Annual Report of the Board of Regents for the Smithsonian Institution for the Year Ending June 30, 1905*, Washington: Government Printing Office, 1906, p. 82.

⁴⁷ Orville Derby, “The Serra do Espinhaço, Brazil”, *Journal of Geology* vol. XIV, nº 5 (1906), p. 374. Outra fonte que cita a colaboração entre Furniss e Derby é Marieta Lopes de Sousa, “Um Estadista quase desconhecido”, Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1948.



frutas.⁴⁸ Cada um relata que Furniss era um naturalista dedicado, que saiu com eles para catar os insetos das laranjeiras da cidade e que ajudou na criação de larvas. O psiquiatra W. H. Kidder, no seu trabalho sobre a doença mental no Brasil, também agradeceu a ele por lhe ter conseguido informação sobre o Asilo de São João de Deus, na Bahia.⁴⁹

Embora tivesse interesse em várias disciplinas científicas, a especialidade de Furniss era mesmo a área da saúde pública. Era dever de todo cônsul estar atento à possibilidade de contaminação de navios indo para os Estados Unidos. O fato é que, na condição de médico, levou ainda mais a sério essa obrigação.⁵⁰ O governo norte-americano pediu que os cônsules enviassem informes quinzenais sobre o número de óbitos, discriminando-os segundo a causa. Nem todos cumpriam esse dever, mas Furniss os preparou fielmente, no início, à base de fontes oficiais, e, posteriormente, com a ajuda de um assistente, que ele mandava, de quinze em quinze dias, conferir o número de enterros nos vários cemitérios da cidade.⁵¹

Em 1900, escreveu um informe especial sobre o tratamento dos leprosos na Bahia, e forneceu dados sobre o Hospital dos Lázarus, na Baixa de Quintas, aparentemente colhidos quando de uma visita ao local.⁵²

⁴⁸ Charles Lounsbury, *Natural Enemies of the Fruit Fly*, Cape Town: Department of Agriculture, 1905, pp. 8-22; George Compere, "A Few Facts Concerning the Fruit Flies of the World", Part II, *Monthly Bulletin of the State Commission on Horticulture [California]*, vol. 1, nº 11 (1912), p. 842.

⁴⁹ O trabalho de Kidder, "The Insane in Brazil", foi publicado uma vez em *Proceedings of the American Medico-Psychological Association* (1902), pp. 194-211, e de novo em *American Journal of Insanity* 59, nº 3 (1903), p. 377-92.

⁵⁰ Nos atestados de saúde que Furniss enviava pelos navios norte-americanos, sempre anotava a presença de qualquer doença contagiosa que soubesse estar presente na cidade. Às vezes, criava confusão. As autoridades sanitárias em Barbados queriam saber por que, nos atestados preparados por Furniss, sempre constavam doenças que o cônsul inglês não tinha anotado nos atestados dele. A resposta de Furniss foi que o cônsul inglês dependia das fontes oficiais, enquanto ele mesmo coletava dados diretamente dos hospitais e nos necrotérios da cidade. Henry W. Furniss, "Sanitary Report from Bahia", *Public Health Reports*, vol. 13, nº 41 (1898), pp. 1150-1.

⁵¹ O seriado *Public Health Reports*, arquivado em <http://www.pubmedcentral.nih.gov/>, acessado em 07/09/2009, contém os relatórios quinzenais de Furniss sobre a Bahia, de 1898 a 1905.

⁵² Lugar onde hoje funciona o Arquivo Públco do Estado da Bahia. Henry W. Furniss, "Leprosy in Bahia, Brazil", *Annual Report of the Supervising Surgeon General of the Marine Hospital Service of the United States*, Washington: Government Printing Office, 1899, pp. 420-1.



Durante os surtos da febre amarela, em 1899, e da peste bubônica, em 1904, acrescentou aos dados numéricos de costume alguns detalhes sobre a chegada das doenças à cidade e as reações dos médicos.⁵³ Por exemplo, informou que ele mesmo “teve o prazer” de participar da autopsia da primeira vítima da peste, a convite das autoridades sanitárias da cidade.⁵⁴ Examinou pelo microscópio as amostras que confirmavam o diagnóstico. Elogiou a rápida resposta dos oficiais, que isolaram os infectados, impuseram medidas de quarentena e desinfetaram os locais afetados. Lamentou a resistência do público em receber a vacina, mas observou que estavam começando a aderir à campanha.⁵⁵ Nesse mesmo ano, recebeu uma delegação de médicos navais dos Estados Unidos, e os levou para conhecerem o hospital especial que tinha sido montado para tratar os infectados.⁵⁶

Uma correspondência muito significativa que Furniss teve sobre a saúde pública foi com o Major Ronald Ross, o cientista inglês que recebeu o Prêmio Nobel da Medicina em 1904, por ter identificado o mosquito como vetor da malária. Nos arquivos de Ross, acham-se duas cartas escritas por Furniss, em 1901.⁵⁷ Na primeira, ele diz estar preparando um artigo em português para divulgar as descobertas de Ross no Brasil, e pede cópias dos trabalhos para poder traduzir trechos do autor diretamente do original. Na segunda carta, agradece a Ross por ter enviado os trabalhos, e também oferece encaminhar-lhe amostras do *anopheles*, que havia coletado em água parada nos jardins das casas na Bahia.

Não achamos nem o artigo de Furniss sobre Ross, em português, nem qualquer referência às amostras dele no trabalho de Ross. Parece

⁵³ Henry W. Furniss, “Report of Yellow Fever in Bahia”, *Public Health Reports*, vol. 14, nº 23 (1899), pp. 876-8; “The Epidemic of Yellow Fever in Bahia, May 7 to July 31, 1899”, *Public Health Reports*, vol. 14, nº 8 (1899), pp. 1590-2; “Reports from Bahia – History of Plague Outbreak”, vol. 19, nº 33 (1899), pp. 1624-5.

⁵⁴ USNA RG 59 T-331:8, “Furniss to Loomis, Bahia”, 16/07/1904,

⁵⁵ Para citar um exemplo, “Plague Conditions at Bahia”, *Public Health Reports*, vol. 19, nº 38 (16/09/1904), pp. 1893-4. “A morte de um estudante muito querido da Faculdade de Direito tem motivado os integrantes da classe universitária a correr para o Instituto Bacteriológico para serem inoculados”.

⁵⁶ Frank Anderson, “Report on the U.S.S. Brooklyn”, *Annual Report of the Surgeon General, U.S. Navy*, Washington: Government Printing Office, 1904, p. 115.

⁵⁷ Arquivo Sir Ronald Ross, London School of Hygiene and Tropical Medicine, Series 146, Subseries 3, Henry W. Furniss to Ronald Ross, 30/03/1901, 15/06/1901.



que o tempo de que o cônsul dispunha para as pesquisas era limitado às horas vagas, e ele afirma exatamente isso na sua segunda carta a Ross. Em outra carta, uma das várias que mandou ao Senador Fairbanks, pedindo ajuda para conseguir um aumento de salário, Furniss diz que só conseguia justificar a sua permanência tão mal-remunerada no consulado pela oportunidade que a Bahia oferecia para o estudo das doenças contagiosas.⁵⁸ A sua experiência na Bahia com tais doenças não se limitou à pesquisa científica, já que ele mesmo foi infectado pelo mosquito da febre amarela e pelo da malária, em 1899.⁵⁹

Furniss como negro

Mesmo que Furniss se identificasse principalmente como oficial norte-americano ou como cientista profissional, é impossível negar a importância do fato de ele ser negro. O “ser negro” depende mais de uma definição social do que biológica, que pode variar de uma sociedade para outra. Muitos estudiosos já notaram que o Brasil tem uma grande diversidade de categorias raciais, enquanto, nos Estados Unidos, o vocabulário se limita geralmente às categorias “branco” e “negro”.⁶⁰ Pelas fotos que temos de Furniss, mesmo não sendo muito nítidas, sabemos que ele não se encaixaria facilmente na categoria de branco, nem no Brasil nem nos Estados Unidos. Pelo costume norte-americano, simplesmente por ser visivelmente “não branco,” seria chamado de “negro.” Enquanto na Bahia, é provável que fosse chamado de “moreno,” de “pardo,” ou de alguma outra forma.

Isso não quer não dizer que havia alguma percepção da variedade de mistura racial por parte dos norte-americanos. Em 1900, um jor-

⁵⁸ Arquivo Fairbanks, “Furniss to Sen. Charles W. Fairbanks”, Bahia, 12/12/1902

⁵⁹ Arquivo Fairbanks, Furniss to Sen. Charles W. Fairbanks, Bahia, 12/12/1902. Segunda a neta, Diane Furniss Happy, ele se queixou, durante o resto da vida, de pedras nas rins, que resultaram da malária que teve na Bahia.

⁶⁰ Várias pesquisas são resumidas em Carl N. Degler, *Neither Black nor White; Slavery and Race Relations in Brazil and the United States*, New York: Macmillan, 1971. Um resumo mais atual se acha em Edward E. Telles, *Race in Another America: The Significance of Skin Color in Brazil*, Princeton: Princeton University Press, 2004, e em G. Reginald Daniel, *Race and Multiraciality in Brazil in the United States: Converging Paths?*, University Park: Pennsylvania State University Press, 2006.



nalista do *Washington Post*, que o entrevistou sobre o comércio na Bahia, notou que o cônsul era “um cavalheiro suficientemente escuro para ser confundido com um sul-americano”.⁶¹ Um cientista norte-americano que o conheceu no Haiti lembrou dele, muitos anos depois, como uma mistura de negro com índio.⁶² Até nos censos nacionais de 1850 a 1920 (com exceção do de 1900), o governo dos Estados Unidos usou as três categorias: branco, negro e mulato. Furniss aparece como mulato nas listas de 1870, 1880 e 1920, como negro, nas listas de 1900 e 1910, e como branco, na de 1930!⁶³

Mesmo que a categoria de mulato existisse na estatística, o que contava social e politicamente nos Estados Unidos era o fato de Furniss ser negro, o que, geralmente se voltava contra ele, mas que, em algumas raras situações, se colocava a seu favor. Apesar da sua indiscutível inteligência e capacidade, conseguiu o cargo na Bahia, em grande medida, por ser negro num sistema clientelista, em que políticos brancos do Partido Republicano reservavam alguns cargos para garantir o voto negro. O Partido e seus aliados, nos jornais da comunidade negra, fizeram muita questão de a raça dele ser definida como “negra” ou *colored* (de cor). Nessas palavras, estabelecia-se que ele fazia parte da comunidade negra e que a sua conquista era da comunidade, e vice-versa.

Também sabemos que o Department of State (Ministério de Relações Exteriores) envia seus poucos funcionários negros para lugares onde seriam bem-recebidos, principalmente no Caribe e na África. Por exemplo, os cargos mais altos no Haiti e na Libéria, durante muitos anos, eram reservados aos negros, como, por exemplo, o famoso abolicionista Frederick Douglass (Haiti, 1889-1891). A escolha da Bahia como lugar apropriado para um cônsul negro não aconteceu por casualidade. Houve

⁶¹ “Men Met in the Hotel Lobbies”, *Washington Post*, 15/11/1900, p. 6.

⁶² William M. Mann, *Ant Hill Odyssey*, Boston: Little-Brown, 1948, p. 338.

⁶³ Dados de “United States Federal Census,” www.ancestrylibrary.com, acessado em 07/09/2009. Será que, nesse último ano, a mulher dele, Anna, nascida na Alemanha, foi quem atendeu à chamada, na porta, do recenseador, e que esse oficial imaginou que, por ela ser branca, mulher de um médico, em Connecticut (estado com poucos negros), todos os moradores da casa deveriam ser brancos, e marcou o formulário assim? Podemos também notar que, em 1920, os filhos do mulato Henry (tido como filho de dois mulatos, em 1870) com a branca Anna são classificados como mulatos.



certa sensibilidade por parte do governo dos Estados Unidos quanto ao fato de a Bahia ser um lugar passível de aceitar um cônsul negro, devido à histórica presença africana na cidade e também à ascensão política dos abolicionistas. Como já assinalamos, Furniss foi o segundo negro indicado para o cargo (depois do Dr. Elbert), e sabemos que outros negros desejavam o cargo, quando ele partiu para o Haiti, em 1905.

Como Furniss tinha sido bem recebido na Bahia, havia a ideia de que esse consulado poderia tornar-se mais um cargo “reservado” para os negros.⁶⁴ O Presidente Theodore Roosevelt encomendou uma lista de candidatos para o consulado na Bahia a um dos mais importantes líderes afro-norte-americanos da época, o educador Booker T. Washington, Diretor do Tuskegee Institute, em Alabama. A pedido de Roosevelt, ele indicou três homens negros para tomar o lugar de Furniss, e cada um acabou desistindo, na esperança de conseguir outro cargo mais desejado. Entre os escolhidos estava Ralph Waldo Tyler, jornalista de Ohio. Ao declarar, inicialmente, que aceitaria o cargo, escreveu que teria um significado especial para ele ir à Bahia como cônsul, já que sua bisavó tinha sido uma escrava baiana, levada à força para Connecticut, no século XVIII.⁶⁵

Vale a pena notar que Furniss não foi o primeiro cônsul negro dos Estados Unidos no Brasil. Em 1893, Henry Clay Smith foi nomeado pelo Presidente Grover Cleveland para ser cônsul em Santos, numa tentativa de agradar o pequeno bloco negro dentro do Partido Democrata. Em 1896, houve um escândalo, quando saiu nos jornais que Smith tinha deixado a mulher e os cinco filhos desamparados em Washington, e ele renunciou ao cargo pouco antes de ser demitido.⁶⁶ Furniss, sem dúvida,

⁶⁴ Richard W. Thompson to Emmett Jay Scott, New Albany, Indiana, 15/10/1905, *Booker T. Washington Papers*, Urbana: University of Illinois Press, 1972, vol. 8, pp. 410-3; Charles W. Anderson to Booker T. Washington, New York, 08/01/1906, in *BTW Papers*, vol. 8, pp. 488-9. Finalmente um branco, Albert Morawetz, já cônsul de carreira em vários outros lugares, foi enviado para o lugar.

⁶⁵ Ralph Waldo Tyler to Booker T. Washington, *BTW Papers*, vol. 8, pp. 502-3.

⁶⁶ “Not a Success as Consul”. *The Washington Post*, 10/10/1896, p. 3. É provável que houvesse outros fatores na sua renúncia forçada. Gilberto Freyre repete uma história de que a colônia de ex-Confederados (sulistas) em São Paulo tinha convidado o cônsul Smith, democrata de Alabama, a fazer uma visita de honra. Segundo a lenda, ficaram incrédulos quando, ao Smith descer do trem, descobriram que ele era negro! Gilberto Freyre, *New World in the Tropics*, New York: Vintage Books, 1959, p. 33. Freyre cita como fonte Lilian Elwyn Elliott Joyce, *Brazil Today and Tomorrow*, New York: Macmillan, 1917, p. 65.



sabia do caso de Smith, e procurou evitar chamar atenção para problemas pessoais.

O único registro de Furniss possivelmente ter-se sentido discriminado no cargo tem a ver com uma visita da marinha norte-americana, em outubro e novembro de 1898. O *Oregon*, o mesmo navio que tinha feito escala na Bahia rumo a Cuba, meses depois fez outra escala, na volta para o Oceano Pacífico. Na sua visita ao navio, no dia 31 de outubro, explicou ao Capitão Albert S. Barker que, de acordo com o protocolo formal, ele o apresentaria ao governador, mas só depois dos dias primeiro e dois de novembro, que eram feriados na Bahia, e não apropriados para visitas.⁶⁷ Como Furniss era o oficial mais alto do governo norte-americano diante das autoridades locais, cabia-lhe apresentá-lo ao Governador.

Mesmo assim, no dia primeiro, Dia de Todos os Santos, o vice-cônsul levou o Capitão Barker à residência do Governador Luis Vianna, onde foi recebido com certo constrangimento. O vice-cônsul, Louis McKay, um comerciante inglês nascido no Brasil, tinha sido nomeado para o cargo antes da chegada de Furniss. Sentindo que esses dois o tinham deixado sem moral diante do governador, redigiu um protesto contra o capitão, enviado também ao Ministro Charles Bryan, no Rio, o mais alto funcionário do governo dos Estados Unidos no Brasil. O capitão lhe respondeu, dizendo que tudo era um mal-entendido, e que ele não tinha a intenção de ofender. Bryan, por sua parte, escreveu ao oficial, pedindo que desculpasse a “supersensibilidade” de Furniss em relação ao assunto.⁶⁸

De certa maneira, Furniss saiu ganhando nessa história. Deixou claro que era ele quem comandava o consulado agora, e ainda obteve uma prova de respeito da colônia norte-americana. Os compatriotas, em apoio a ele e em repúdio ao Capitão Barker, cancelaram a recepção que iam oferecer para os oficiais da Marinha. Depois de conseguir ganhar a confiança de Bryan na visita oficial desse à Bahia, em julho de 1899, Furniss conseguiu destituir McKay do seu cargo, e colocar um

⁶⁷ USNA, RG 59, T-331:7, *Furniss to Captain A. S. Barker*, Bahia, 04/11/1898; *Furniss to Cridler*, Bahia, 28/01/ 1899.

⁶⁸ USNA, RG 59, “Diplomatic Despatches From Brazil,” M-121:65, *Minister Charles Page Bryan to Secretary of State John Hay*, Petrópolis, 25/11/1898.



dos principais comerciantes da colônia norte-americana, Adolph Hirsch, no seu lugar.⁶⁹ Também demitiu o secretario inglês do consulado e contratou um norte-americano para o seu posto.⁷⁰

Três escritores brancos dos Estados Unidos, que tinham viajado pelo Brasil no início do Século XX, usaram uma história de um cônsul negro para explicar a posição social do negro no Brasil ao leitor americano. Reinsch (1907), querendo mostrar os limites da democracia racial brasileira, menciona o exemplo de Furniss (sem lhe citar o nome), quando afirma que

De fato não há linchamentos, e o Brasil recebeu um cônsul negro dos Estados Unidos sem protesto [...] não obstante, é um fato que as esferas mais altas da vida social e política da república são praticamente tão livres de presença negra como no nosso país.⁷¹

Winter (1910), argumentando de modo parecido, conta o contrário, o que parece ser um mal-entendido por parte dele.

As estatísticas mostram que pelo menos oitenta por cento da população da Bahia tem umas gotas de sangue negra nas veias. Mesmo assim, com a preponderância de negros, a tentativa dos Estados Unidos de enviar um cônsul negro para este porto quase ocasionou um furacão tropical há poucos anos.⁷²

Stephens (1914) parece ter-se baseado em Winter, e distorcido ainda mais a história, quando escreveu que “Os Estados Unidos da América praticamente causou um escândalo entre os brancos de Per-

⁶⁹ O vice-cônsul não recebia salário, mas podia receber os emolumentos especificados por carimbar documentos na ausência do cônsul. Hirsch deixou a Bahia em 1903 para abrir, em Nova York, uma bem sucedida empresa de importação de diamantes e carbonatos, graças a uma concessão extrativa que recebeu do governo baiano. “Adolph Hirsch Dies, Importing Firm Head”, *New York Times*, 07/03/1930, p. 21.

⁷⁰ Um dos assistentes bilingües de Furniss era George Chamberlain, natural de São Paulo e filho de missionários norte-americanos. O pai dele tinha fundado a escola que hoje se chama Universidade Presbiteriana Mackenzie. Na Bahia, com Furniss, começou uma carreira de mais de 20 anos em consulados dos Estados Unidos. Eventualmente, teve sucesso comercial como escritor de romances e roteirista de Hollywood, e deixou o serviço consular. A Bahia figura como local de várias obras de Chamberlain. “George A. Chamberlain Is Dead; Writer of ‘Scudda Hoo!’ Was 86”, *New York Times*, 05/03/1966, p. 20.

⁷¹ Paul S. Reinsch, “The New Brazil”, *World Today*, vol. 12, nº 5 (1907), pp. 518-25.

⁷² Nevin Otto Winter, *Brazil and Her People of to-Day*, Boston: L. C. Page, 1910, p. 388.



nambuco quando o governo contemplou enviar um cônsul negro para esse porto”.⁷³ Será que a elite baiana estava contente de a Bahia ficar na mesma categoria, do ponto de vista do governo norte-americano, que Porto Príncipe no Haiti, ou Monróvia na Libéria? Mesmo se não estivesse, por tudo que sabemos, parece que Furniss foi bem recebido na Bahia. De certa forma, o tema racial é notável pela sua quase invisibilidade nos registros oficiais que temos da sua passagem pela cidade.

Não é de surpreender que não achemos, nos relatórios de Furniss, muito material que revele a sua perspectiva particular como negro. Só se identifica como oficial norte-americano, comprometido com o progresso material do país natal, e quase nunca mostra interesse por temas africanos ou pelas questões raciais da época, por exemplo. Parece ter sido muito consciente do dever de o diplomata ser discreto, e sabia que tinha que provar ainda mais, sendo negro. No seu relatório geral de 1902, observa que pelo menos oitenta por cento dos baianos eram negros ou de raça mista, mas não diz quase nada mais a respeito da presença africana na população.⁷⁴ Em tudo que escreveu sobre as atividades econômicas na Bahia, há apenas uma referência passageira aos costumes africanos. Num trabalho sobre o cultivo e o aproveitamento do coco, observa que “os africanos aqui residentes usam o óleo para o cabelo e também para ungir o corpo”.⁷⁵

Em um dos seus informes sanitários, achamos uma observação que talvez revele um pouco da opinião de Furniss sobre o determinismo racial. Ao falar do efeito da febre amarela em 1899, observa que todos que vinham de fora da cidade eram igualmente suscetíveis, fossem estrangeiros brancos ou retirantes brasileiros de raça branca, negra ou mista, por não terem a imunidade adquirida pelos soteropolitanos.⁷⁶ Informa

⁷³ Henry Stephens, *South American Travels*, New York: Knickerbocker Press, 1914, p. 663.

⁷⁴ “A sua população é de um caráter muito misto, e consiste em aproximadamente de 20 por cento de negros puramente africanos, de 60 por cento de graus variados de mistura, e de, no máximo, 20 por cento de brancos puros, geralmente estrangeiros, incluindo os portugueses de sangue puro, espanhóis, alemães, ingleses, etc., e os descendentes desses.” Furniss, “Bahia”, in *Commercial Relations of the United States with Foreign Countries* (1902), p. 688.

⁷⁵ “Production of Cocoanuts and Copra in South America: Brazil”, *Consular Reports*, vol. LXVII, nº 252 (1901), pp. 113-5.

⁷⁶ “The Epidemic of Yellow Fever in Bahia, May 7 to July 31, 1899”, *Public Health Reports*, vol. 14, nº 8, (1899), pp. 1590-2.



saber de pelo menos dois casos de negros do interior que tinham contraído a doença em Salvador, o que era significativo, porque existia na época uma polêmica científica sobre a suposta imunidade do negro à febre amarela.⁷⁷ Parece querer afirmar que a imunidade depende do ambiente e não da genética, e promete analisar melhor os dados oficiais quando estiverem disponíveis, mas infelizmente não achamos essa detalhada análise.

Fora dessas comunicações oficiais, temos algumas outras pistas que revelam o interesse de Furniss pelo papel do negro na sociedade brasileira. Em dois livros, é citado pelos autores como fonte sobre os costumes africanos na Bahia. Frank Carpenter, relatando sua visita à Bahia, em 1899, agradece a Furniss por lhe ter indicado um costume exótico da cidade: o uso de dólares de ouro dos Estados Unidos pelos habitantes de Salvador, como ornamentação. Segundo Carpenter, Furniss estimava que pudesse haver \$10,000 de moedas norte-americanas na Bahia, muitas delas usadas pelas mulheres negras como balangandãs, ou nos filhos delas, como proteção contra o mau-olhado. Carpenter escreve, com base na informação de Furniss, que o apreço pelas moedas norte-americanas se devia, em parte, à tradição africana de usar amuletos, e também à falta de confiança, por parte do público, no dinheiro de papel, emitido pelo governo brasileiro.⁷⁸ Sir Harry Johnston, geógrafo inglês, também nos faz uma observação reveladora no seu livro *The Negro in the New World*. Agradece a Furniss por lhe ter mostrado, no Haiti, uma coleção de orixás de madeira pintada, que tinha adquirido na Bahia. Johnston cita isso apenas como uma prova da influência da religião africana nas Américas, mas a referência dele sugere que Furniss tinha, sim, uma discreta curiosidade pela cultura africana na Bahia.⁷⁹ Johnston não informa como ou por que ele tinha adquirido as estatuetas.

⁷⁷ Sidney Chalhoub, "The Politics of Disease Control: Yellow Fever and Race in Nineteenth Century Rio de Janeiro", *Journal of Latin American Studies*, vol. 25, nº 3 (1993), pp. 441-63.

⁷⁸ Frank G. Carpenter, *South America: A Geographical Reader*, New York: American Book Company (1899), p. 352; "In the Diamond Mines", *St. Paul Globe*, 14/05/1899, p. 14. Carpenter era um jornalista dos Estados Unidos que vivia dos "diários de viagem", que escrevia de lugares exóticos ao redor do mundo. Suas crônicas eram publicadas de forma seriada em jornais, e também eram compiladas em livros didáticos, ilustrados com as fotografias que ele mesmo tirava. Na matéria, elogia Furniss, chamando atenção para o fato de ele ser inteligente e também *colored*, como se essa combinação de qualidades fosse algo improvável.

⁷⁹ Harry Hamilton Johnston, *The Negro in the New World*, New York: Johnson Reprint Corp., 1910/1969, p. 499.



As declarações de Furniss à imprensa norte-americana sobre o Brasil geralmente se limitavam a assuntos comerciais, e raramente achamos nelas alguma expressão de opinião pessoal relativa à população. As duas exceções que temos são as matérias que saíram no jornal *The Freeman*, órgão da comunidade negra de Indianápolis, por ocasião das duas visitas que fez à família, em sua casa, nos Estados Unidos. Pelas palavras resumidas do jornal, sabemos que, em geral, Furniss falava bem do povo brasileiro e, especialmente, da liberdade social que havia para homens como ele. Em novembro 1900, durante a sua primeira volta aos Estados Unidos, em quase três anos, a coluna social do jornal informa que houve um jantar em homenagem a ele, na casa do irmão. Segundo a matéria, estiveram presentes os homens principais da comunidade negra, desfrutando de excelentes charutos baianos, enquanto Furniss contava sobre suas viagens e mostrava um grande número de fotos do Brasil e da sua travessia dos Andes, entre a Argentina e o Chile. Relata que, quando os convidados perguntaram por que ele não tirou nenhuma foto das “lindas *signoritas*” de “raça pura e de sangue misto,” respondeu que elas não costumavam sair de dia. O jornalista disse ter desconfiado de que houvesse provas ao contrário na mala do cônsul.

Sobre alguns temas, o doutor ficou tão mudo quanto uma ostra fechada. Podemos inferir que para ser um diplomata, é tão importante saber o que não se deve falar, tanto como o que se deve. Ele tem uma opinião muito alta do caráter moral de todas as classes na Bahia. Não há distinção [de raça], além do mérito puro. Acham-se todas as cores em todos os aspectos da vida.⁸⁰

Em 1903, em outra visita a Indianápolis, Furniss concedeu uma extensa entrevista sobre o Brasil ao mesmo jornal. Nesse texto, apresenta algumas ideias mais complexas, e talvez contraditórias. De novo elogia o Brasil pela falta do racismo formal que existia nos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, diz que o negro ainda vive melhor nos Estados Unidos, graças às condições de trabalho que existem na América do Norte. Critica o baiano pela falta de iniciativa, mas também observa que vários deles tinham ganhado grandes fortunas pelo esforço próprio. Mais

⁸⁰ “Dr. Sumner Furniss” *The Freeman*, Indianápolis, 11/11/1900, p. 6.



uma vez, não temos as palavras dele mesmo, mas uma versão redigida pelo jornalista, da qual o seguinte trecho foi extraído.

Falando do povo do Brasil, o Dr. Furniss disse que, apesar de a escravidão ter sido recentemente abolida lá, em 1888, as linhas divisórias [entre as raças], que são tão fortes aqui, nem parecem existir lá. As pessoas são do melhor tipo de amalgamação, uma condição que não tem sido agitada, mas que resulta de uma convivência familiar, que parece ser mais típica nos países latinos do que nos anglo-saxões. Por isso, homens de sangues misturados se acham em todo lugar, e em toda a situação, a instrução e a educação têm sido o único critério de distinção entre eles.

O caráter do povo de lá é totalmente diferente do daqui. Eles são indiferentes ao trabalho, até entre as classes mais favorecidas. A corrida e a agitação nos negócios são ausentes. O comerciante se submete à vontade do cliente só se não exigir muito esforço mental ou físico. As classes inferiores são pouco trabalhadoras e não pensam no futuro. Isso é resultado da fartura que a terra generosa oferece. O trabalhador não zela pela sua função, e folgaria se tivesse essa escolha. Ele tem as bananas que crescem no quintal, e tem a rocinha dele, e não se importa com mais do que isso.

A emigração [do negro dos Estados Unidos para o Brasil] não deve ser incentivada, devido às condições totalmente opostas de clima, etc., de lá, que não teriam bons efeitos para os cidadãos deste país, que se têm formado na melhor ‘escola’ do mundo. Os salários, mesmo sendo parecidos com os dos trabalhadores deste país, rendem só a metade do poder adquisitivo, como é o caso no México e em outros países, e isso faz com que os salários reais sejam muito menores do que neste país.

O homem de sangue misto pode aspirar a qualquer objetivo, sendo necessários só a vontade e o conhecimento, como qualquer outra pessoa, para alcançá-lo. A Bahia tem quase 250.000 habitantes, e a grande maioria deles é ‘amalgamada’ e, nela, alguns são muito ricos. O doutor falou em vários desses homens que se tornaram bem-sucedidos na mineração de diamantes e que gozam de fortunas em centenas de milhares. Ele falou que tem sido tratado bem pelos brasileiros, e fica muito impressionado com o jeito simpático das pessoas. O governo dos Estados Unidos o tem tratado com muita consideração, às vezes confiando-lhe missões importantes, que ele geralmente tem cumprido com sucesso.⁸¹

⁸¹ “Dr. Henry W. Furniss”, *The Freeman*, Indianápolis, 15/08/1903, p. 6.



É bem provável que o próprio Furniss se qualificasse como uma pessoa que tinha conseguido o seu lugar graças ao esforço e ao conhecimento, e tudo indica que gostava de estar num país onde esses eram os critérios principais pelos quais seria julgado. Parece ter desfrutado do livre acesso que tinha aos vários níveis da sociedade baiana, sem obstáculos raciais. Conheceu as pessoas mais diversas, desde os governadores até os humildes canoeiros do Rio São Francisco, os quais descreve com respeito numa crônica de viagem.⁸² Parece ter-se sentido bem entre os baianos, mesmo se a experiência no exterior também o tenha deixado consciente do quanto norte-americano ele era. Sem dúvida, o seu cargo oficial lhe abriu certas portas, e isso pode ter influenciado a perspectiva que teve sobre as relações raciais. Mas quem foi que ele conheceu na Bahia?

Furniss e a sociedade baiana

Furniss não escreveu quase nada sobre suas amizades na Bahia, e, até agora, encontramos muito poucas referências a ele nos escritos dos baianos da época. Fazia parte, em primeiro lugar, da colônia estrangeira da cidade e, naturalmente, muitas relações sociais se formariam dentro dessa comunidade à parte.⁸³ Sabemos que, ao chegar ao Brasil, se hospedara numa pensão na Rua Vitória, número 2.⁸⁴ A colônia inglesa, que se concentrava no bairro da Vitória, era muito maior que a norte-americana e tinha suas próprias instituições religiosas, sociais, desportivas, etc.⁸⁵ Ele era anglicano, e se supõe que poderia ter frequentado a capela inglesa de São Jorge, que ficava no Campo Grande. Também era maçom, tendo sido promovido ao grau mais alto da Maçonaria Negra dos Estados Unidos, mas não sabemos se participou de alguma loja na

⁸² Furniss, “A Trip to Paulo Affonso Falls”. Na crônica, ele lembra com saudade as modas de viola, cantadas pelos sertanejos em noites de lua cheia.

⁸³ A colônia estrangeira é assunto de Moema Parente Augel, *Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista*, São Paulo: Editora Cultrix, 1980, e de Louise H. Guenther, *British Merchants in Nineteenth-Century Brazil: Business, Culture and Identity in Bahia, 1808–1850*, Oxford: Centre for Brazilian Studies, 2004.

⁸⁴ USNA, RG 59, T-331:7, *Furniss to Cridler*, Bahia, 28/01/1899.

⁸⁵ Em 1902, informou que em todo o distrito consular (os Estados da Bahia e de Sergipe), só havia 48 cidadãos norte-americanos residentes, principalmente missionários e comerciantes. “Bahia”, in *Commerical Relations of the United States with Foreign Countries*, 1902.



Bahia.⁸⁶ Era adepto do tênis nos Estados Unidos, e é possível que tenha achado com quem praticar o esporte na Bahia, talvez algum desportista do “Club de Cricket Victoria,” fundado por anglófilos baianos em 1899.⁸⁷

Sabemos pelo menos de uma relação que tinha dentro da comunidade de estrangeiros na Bahia. Em 1903, na volta ao Brasil, depois da sua visita aos Estados Unidos, fez uma escala de algumas semanas em Londres. Nessa cidade, no dia 19 de outubro, casou-se com a alemã Anna Lüthge Wichmann, ele com 35 anos e ela com 34.⁸⁸ Tinha-se conhecido na Bahia, onde as tias dela, as irmãs Kloppenburg, possuíam uma pensão na Vitória, número 21.⁸⁹ Anna tinha vindo de Hamburgo para a Bahia em 1897, para ajudar as tias. Furniss e ela moraram nessa pensão, depois de casados. Tiveram três filhos no Haiti (um deles morreu ainda na infância), além de vários netos.

Um mês antes de se casar, Furniss esteve em Indianápolis, mas não revelou nada sobre os planos de casamento para os jornais. Tinha bom motivo para ser discreto. Nessa época, o casamento entre brancos e negros ainda era ilegal em Indiana e em muitos outros estados da União Norte-Americana. Parece que Furniss quis manter o casamento como um segredo ainda depois de realizado. Em 1905, escreveu para o então Vice-Presidente Fairbanks, tentando justificar um aumento de salário. Numa carta detalhada, reclama que não ganhava o suficiente para alugar e equipar uma casa. Só dá como motivo querer mais espaço e estar cansado de morar com gente estranha, mas nunca menciona o fato de estar casado ou de estar morando na pensão da família da esposa.⁹⁰

Tentou manter o casamento inter-racial fora das notícias, mas,

⁸⁶ Nos Estados Unidos, os negros eram excluídos de muitas lojas maçônicas e estabeleceram uma organização própria, a maçonaria “Prince Hall.” Os iniciados nessas lojas não eram reconhecidos pela maioria branca. Furniss era maçom do 33º grau, segundo várias fontes.

⁸⁷ Hoje, o Esporte Club Vitória.

⁸⁸ “England, Free Birth Marriage Death Records”, www.ancestrylibrary.com, acessado em 07/09/2009.

⁸⁹ Ficava no Corredor da Vitória, nº 21. O “Hotel Kloppenburg” é recomendado em um guia turístico da época. J. C. Oakenfull, *Brazil in 1913*, Frome: Selwood Press, 1914. Não se sabe de nenhum parentesco entre as irmãs e Dom Boaventura Kloppenburg, O.F.M., falecido bispo auxiliar da Arquidiocese de São Salvador.

⁹⁰ Arquivo Fairbanks, “Furniss to Fairbanks”, Bahia, 26/06/1905.





quando foi nomeado para o cargo no Haiti, em 1905, a imprensa ligada ao Partido Democrata viu a oportunidade de criar uma polêmica. Apareceu uma reportagem, alegando que ele tinha aprontado um escândalo na Bahia, por ter-se casado com uma mulher branca, uma alemã, de família rica e importante na cidade.⁹¹ Também informou que ele não se atrevia a levar a nova esposa para Indianápolis. Enquanto a parte sobre Indianápolis pode muito ser verdade, sobre a Bahia parece invenção dos jornalistas, pois lá um casamento assim não chamaria muita atenção.

Mesmo havendo um tipo de democracia racial, por um lado, vários historiadores descrevem Salvador daqueles tempos como uma cidade em que cada um tinha o seu lugar bem definido na estrutura social.⁹² As distinções de classe estabeleciam outras linhas divisórias, como também as redes de parentela e as instituições profissionais, como a Associação Comercial e a Faculdade de Medicina. Furniss tinha certo privilégio de acesso às pessoas importantes, por cortesia e por respeito à condição de oficial estrangeiro, mas não possuía nem o prestígio, nem os laços familiares, nem as condições econômicas necessárias para uma

⁹¹ “Negro Threatened for Marrying a White Woman”, *Landmark*, Statesville, Carolina do Norte, 23/01/1906, p. 4.

⁹² As divisões raciais na época pós-abolição são tratadas em Kim D. Butler, *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition São Paulo and Salvador*, New Brunswick: Rutgers University Press, 1998; Jeferson Bacelar, *A hierarquia das raças*, Rio de Janeiro: Pallas, 2001; e Dale Torston Graden, *From Slavery to Freedom in Brazil: Bahia, 1835-1900*, Albuquerque: University of New Mexico Press, 2006. O papel da família é tratado em detalhes em Kátia M. de Queirós Mattoso, *Família e sociedade na Bahia do século XIX*, São Paulo: Corrupio, 1988, e em Dain Edward Borges, *The Family in Bahia, Brazil, 1870-1945*, Stanford: Stanford University Press, 1992. O sistema político é tratado em Eul-Soo Pang, *Bahia in the First Brazilian Republic: coronelismo and oligarchies, 1889-1934*, Gainesville: University Presses of Florida, 1979; Consuelo Novais Sampaio, “Crisis in the Brazilian oligarchical system: a case study on Bahia, 1889-1937”, (Tese de Doutorado. The Johns Hopkins University, 1979), e Robert M. Levine, *Vale of tears: revisiting the Canudos massacre in northeastern Brazil, 1893-1897*, Berkeley: University of California Press, 1992. Eugene Ridings estuda o papel da Associação Comercial em “The Bahian Commercial Association, 1840-1889: A Pressure Group in an Underdeveloped Area”, (Tese de Doutorado, University of Florida, 1970) e em *Business Interest Groups in Nineteenth-Century Brazil*, New York: Cambridge University Press, 1994. A Faculdade de Medicina é tema de Julyan G. Peard, *Race, Place, and Medicine: The Idea of the Tropics in Nineteenth-Century Brazilian Medicine*, Durham: Duke University Press, 1999, e de Lilia Moritz Schwarcz, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Jorge Amado, em *Tenda dos Milagres*, São Paulo: Martins, 1969, representa de forma literária a vida intelectual da Faculdade de Medicina da época.



participação plena nas mais altas esferas da sociedade baiana.⁹³ A sua perspectiva é a de uma pessoa que conhecia a elite da Bahia, mas que não fazia parte dela. É claro que também chegou a conhecer muitos baianos que não eram da elite. Em vários textos, mostra preocupação com a sorte do pequeno agricultor, flagelado pela seca e sem condições para participar da economia de exportação. Em documentos confidenciais, culpa os governantes, que cobravam impostos altos, mas levavam poucas melhorias para o interior e usavam a fraude eleitoral e a violência para manter a sua posição.

Fora da comunidade de estrangeiros, que amizades teve Furniss na Bahia? Qual seria o intercâmbio de ideias que manteve com os baianos da época?⁹⁴ Em 1905, escreveu, com certo orgulho, que recebia dados estatísticos aos quais os outros cônsules da cidade não tinham acesso, graças à intimidade que mantinha com vários oficiais do governo.⁹⁵ Com certeza, um desses oficiais foi o jovem engenheiro Miguel Calmon du Pin e Almeida (1879-1935), nomeado Secretário de Agricultura e Indústria da Bahia, em 1902.⁹⁶ Tinha muito contato com a Secretaria, nos seus deveres oficiais e nas suas pesquisas econômicas, e chegou a servir, de forma extraoficial, como assessor técnico desse órgão. Em 1904, o “digno [...] inteligente [e] dedicado Dr. Furniss” foi elogiado na fala do governador Severino Vieira à Assembleia Legislativa, por ter ajudado a Secretaria a procurar especialistas norte-americanos em mineração e

⁹³ Furniss reclamava muito do salário que recebia. No arquivo de correspondência do Senador Fairbanks, na Biblioteca da Universidade de Indiana, há cinco cartas de Furniss para Fairbanks, todas escritas para pedir ou para agradecer a ajuda do Senador para conseguir um aumento do salário para o consulado da Bahia. Ele diz que a flutuação do valor em mil réis do salário dele em dólar não lhe permitia muita estabilidade econômica. Pela insistência dele, o seu salário foi aumentado de 2.000 dólares por ano em 1898, para 3.500 dólares, em 1905. Parece que Furniss sabia mostrar a devida gratidão: em uma das cartas, pergunta se o Fairbanks (agora Vice-Presidente) tinha recebido o presente que ele mandou, “a pele de um tigre brasileiro”, que deve ter sido, de fato, a de uma onça pintada.

⁹⁴ Imaginamos que Furniss tinha noções básicas de português, pelo menos, já que assinava jornais e citava livros brasileiros. Também criticava frequentemente os comerciantes norte-americanos no Brasil que não falavam português.

⁹⁵ *Promotion of Trade Interests*, Washington: Government Printing Office, 1905, pp. 197-8.

⁹⁶ Ministro da República, primeiro de Transportes e Obras Públicas (1906-1909) e, mais tarde, da Agricultura, Indústria e Comércio (1922-1926). Era sobrinho-neto homônimo do Marquês de Abrantes e primo do historiador Pedro Calmon.





agronomia.⁹⁷ Em dezembro do mesmo ano, Calmon e Furniss acompanharam o novo governador, José Marcelino de Souza, numa excursão oficial de um mês pelo Vale do Rio São Francisco.⁹⁸ Durante essa viagem, numa cerimônia formal, os dois plantaram juntos uma variedade de uva norte-americana no vinhedo modelo de Juazeiro. Entre ele e Calmon havia certa simpatia filosófica, dado que os dois compartilhavam uma crença na capacidade da tecnologia para melhorar a condição humana.

O fato de Furniss ter sido médico deve ter facilitado a sua entrada na sociedade baiana, desde que alguns dos mais ilustres de seus membros à época também eram médicos. Elogiou muito a Faculdade de Medicina durante sua visita a Indianápolis, em 1900, e disse, no seu relatório sobre a febre amarela, contar com vários amigos entre a classe médica da cidade.⁹⁹ Especificamente, agradece ao Dr. Arthur Rios, Inspector de Saúde do porto e filho do então Senador, pelos dados fornecidos. Também cita extensamente, como fonte sobre o tratamento da doença, o Dr. Frederico de Castro Rebello, catedrático da Faculdade, conhecido por falar bem o inglês e por atender à comunidade anglófona da cidade.¹⁰⁰ Podemos imaginar que Furniss e Castro Rebello conversavam sobre outros temas, além da medicina, porque, durante a visita do Secretário de Estado Elihu Root à Faculdade de Medicina, em 1906, esse professor foi escolhido pela Congregação da Faculdade para fazer um discurso de boas-vindas e, na sua fala, disse ser admirador, desde muito tempo, de Root e da sua obra diplomática.¹⁰¹

⁹⁷ Mensagem apresentada à Assembléia Geral Legislativa do Estado da Bahia na abertura da 2^a Sessão Ordinária da 7^a Legislatura pelo Dr. Severino Vieira, Governador da Bahia, Salvador: Oficinas do Diário da Bahia, 1904, pp. 50-1; “Professor of Mining Wanted in Brazil”, Monthly Consular Reports, vol. LXXV, nº 284 (1904), p. 508.

⁹⁸ Em homenagem a Furniss, a dos Estados Unidos foi uma das bandeiras que ornamentavam o *Mata Machado*, vapor oficial da comitiva, segundo Maria Mercedes Lopes de Souza, *José Marcelino de Souza e sua obra administrativa no São Francisco*, Rio de Janeiro: Câmara de Deputados, 1958. No mês anterior a essa viagem, Souza pessoalmente encarregou Furniss de conseguir livros dos Estados Unidos sobre irrigação e energia hidroelétrica. USNA, RG 59, T-331:8, “Furniss to Loomis”, Bahia, 15/11/1904.

⁹⁹ “The Epidemic of Yellow Fever in Bahia, May 7 to July 31, 1899,” *Public Health Reports*, vol. 14, nº 8 (1899), pp. 1590-2.

¹⁰⁰ Afrâncio Peixoto, “Os Castro Rebello”, *Livro de horas*, Rio de Janeiro: Agir, 1947, pp. 312-3.

¹⁰¹ “Breve notícia sobre as festas em homenagem ao Exm. Sr. Dr. Elihu Root por ocasião de sua visita à capital da Bahia, em 24 de julho de 1906”, *Diário da Bahia*, 1906 [reproduzido em *Pamphlets in American History Series*, microfiche B 1949, 1978].



Mesmo assim, não achamos o nome de Furniss nos anais da medicina baiana, nem na *Gazeta Médica da Bahia*, nem na obra do grande cronista daqueles tempos, o Dr. Afrânio Peixoto, nem sequer numa crônica em que ele cita a visita do *Oregon* à Bahia.¹⁰² Talvez o médico mais importante na Bahia daquela época tenha sido o Dr. Raymundo Nina Rodrigues, e não é de surpreender que tampouco na obra deste achemos alguma referência a Furniss. Mesmo se eles não chegaram a se encontrar pessoalmente, com certeza era fato notório que o cônsul norte-americano na cidade era pardo.¹⁰³ Será que a presença de Furniss não explica, em parte, a preocupação, manifestada por Rodrigues no livro *Os Africanos no Brasil* (obra terminada em 1905), com a ideia de que os Estados Unidos buscavam exportar a sua população negra para o Brasil?¹⁰⁴ Furniss também achou uma má ideia, por motivos bem diferentes dos que colocava Rodrigues. Também, quando esse escreveu “[...] entregando o país aos Mestiços, acabará privando-o, por longo prazo pelo menos, da direção suprema da Raça Branca. E esta foi a garantia da civilização nos Estados Unidos”,¹⁰⁵ será que não pensou que o mais alto representante, na Bahia, da república que ele elogiava pela sua hierarquia racial, era justamente um médico mestiço muito civilizado?

Nas suas duas entrevistas ao jornal *The Freeman*, Furniss chamou atenção quanto à falta de impedimentos para a participação do homem negro na vida intelectual do Brasil. Quais foram os intelectuais de cor que ele conheceu? Pela familiaridade que tinha com a Secretaria de Agricultura, é provável que conhecesse Manuel Querino, funcionário desse órgão e autor de muitos estudos pioneiros sobre os costumes africanos na Bahia. Será que foi Querino que ajudou Furniss a colecionar e a identificar as figuras africanas que levou da Bahia?¹⁰⁶ Sabemos também que ele

¹⁰² Peixoto, “Os Estados Unidos e a Bahia”, *Livro de horas*, pp. 150-1.

¹⁰³ O sócio de consultório de Nina Rodrigues foi o Dr. Frederico Koch, sobrinho e assistente do tio, na Faculdade do já citado Dr. Frederico de Castro Rebello. Assim, podemos afirmar que houve laços sociais indiretos, se não diretos.

¹⁰⁴ Nina Rodrigues, *Os africanos no Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932 (original de 1905), p. 20.

¹⁰⁵ Nina Rodrigues, *Os africanos no Brasil*, p. 18.

¹⁰⁶ Querino se identificou como admirador de Booker T. Washington, o líder afro-norte-americano e um dos padrinhos políticos de Furniss. *Costumes Africanos no Brasil*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938, p. 16. Será que essa admiração não era resultado da influência de Furniss?





colaborou com Orville Derby, o geólogo norte-americano que se naturalizou brasileiro, e que era amigo de muitos anos do famoso engenheiro, geógrafo e político Teodoro Sampaio, filho de uma escrava. Dificilmente não se teriam conhecido. Também sabemos que ajudou um pesquisador norte-americano a conseguir informações sobre o Asilo São João de Deus, e que o Dr. Juliano Moreira era o psiquiatra principal dessa instituição (que hoje leva o seu nome), professor da Faculdade de Medicina – outro exemplo de um afrodescendente bem sucedido na vida intelectual. É tentador o desejo de afirmar que Furniss tivesse alguma ligação com essas pessoas, mas não temos nenhuma prova concreta a respeito. Tanto Furniss quanto eles mostravam que, através da educação, algumas das desvantagens criadas pela escravidão poderiam ser revertidas.¹⁰⁷

Furniss esteve na Bahia durante um tempo em que a presença negra não estava sendo só estudada por acadêmicos, mas também celebrada nas festas populares. Os primeiros *afoxés* começaram a sair no Carnaval nessa mesma época e Querino era diretor de um deles, os “Pândegos d’África”. Qual era a relação de Furniss com esses movimentos, ou frente às outras manifestações de orgulho na cultura africana? Não podemos imaginar que o cônsul norte-americano sairia na Embaixada Africana, outro *afoxé* da época. No Carnaval de 1901, esse grupo usou seu desfile para fazer uma dura crítica ao imperialismo norte-americano, mostrando o Tio Sam e suas vítimas filipinas, cubanas, mexicanas, haitianas e indígenas, e advertindo sobre a cobiça do Acre pelos Estados Unidos.¹⁰⁸ Será que essa crítica tinha algum caráter pessoal ligado a Furniss?

Furniss depois da Bahia

Consta que Furniss embarcou para Nova York sem a sua esposa, quando partiu da Bahia no dia 7 de novembro de 1905.¹⁰⁹ O Presidente Theodore

¹⁰⁷ O grande industrialista Luis Tarquínio, que buscava na Inglaterra e nos Estados Unidos modelos para a “Vila Operária” que construía no Bonfim, contratou uma professora do Hampton Institute, instituição para negros na Virgínia, para dirigir a escola da Vila. Pinho, *São assim os baianos*, p. 93. Será que Furniss não tinha algum papel nisso?

¹⁰⁸ Citado em Butler, *Freedom Given*, p. 184.

¹⁰⁹ A base de dados “New York Passenger Lists, 1870-1957” (www.ancestrylibrary.com, acessado 07/09/2009) contém uma lista de passageiros para o navio “S. S. *Tennyson* Sailing from



Roosevelt o nomeou para o cargo de Ministro Plenipotenciário e Enviado Extraordinário no Haiti, o mais alto representante do governo norte-americano naquele país.¹¹⁰ Sem dúvida, o Vice-Presidente Fairbanks teve algum papel na escolha. Segundo os jornais republicanos da época, a escolha de Furniss foi resultado dos elogios dos comerciantes pela sua dedicação em atender aos pedidos de informação durante os oito anos na Bahia.¹¹¹

Um jornalista negro de Indianápolis observou que a escolha tinha que ser por mérito mesmo, e não uma indicação política, porque Furniss não tinha muito jeito para trabalhos eleitoreiros.¹¹² Havia outros pretendentes ao cargo com mais peso político, e um deles até tentou tomar o lugar de Furniss em 1911, que acabou mantido no cargo, com o apoio de Booker T. Washington, o mesmo que tinha participado da escolha do seu sucessor na Bahia.¹¹³ Mas em 1913, o democrata Woodrow Wilson assumiu a presidência e afastou quase todos os negros dos cargos de prestígio no Governo Federal, os quais, na sua maioria, tinham, como Furniss, ligações com o Partido Republicano.¹¹⁴

Não cabe aqui analisar a fundo o trabalho de Furniss no Haiti, mas, segundo vários historiadores, foi de grande sucesso, no sentido de fazer avançar os interesses norte-americanos nesse país.¹¹⁵ Como tinha

Bahia 7th November 1905 Arriving in the Port of New York 20th November 1905." Henry Furniss aparece como o único passageiro embarcado na Bahia. Não temos informação de que ele tenha voltado alguma vez, apesar de as tias da esposa continuarem lá por vários anos.

¹¹⁰ O uso do termo "embaixador," hoje muito comum, ainda era muito restrito. O salário inicial do cargo em Porto Príncipe era de \$7,500 (mais do dobro do que ele ganhava na Bahia) e subiu até \$10,000 em 1913.

¹¹¹ "Furniss Made Good", *Fort Wayne Journal-Gazette*, 01/12/1905, p. 5.

¹¹² Richard W. Thompson to Emmett Jay Scott, New Albany, Indiana, 15/10/ 1905, in *BTW Papers* vol. 8, pp. 410-3.

¹¹³ Booker T. Washington to Sumner A. Furniss, Tuskegee, 08/05/ 1911 in *BTW Papers*, vol. 11, p. 141; Sumner A. Furniss to Washington, Indianapolis, 10/05/1911, in *BTW Papers*, vol. 11, p. 145; Henry W. Furniss to Booker T. Washington, Port au Prince, 03/06/1911, in *BTW Papers*, vol. 11, p. 189. Henry W. Furniss to Washington, Port au Prince, 19/06/ 1911, *BTW Papers*, vol. 11, p. 233.

¹¹⁴ O novo governo ainda manteve Furniss provisoriamente no cargo durante nove meses, porque a situação no Haiti era muito delicada. Os republicanos fizeram questão disso pelo fato de o democrata que antecedeu a Furniss no cargo, em Haiti, ser um ex-deputado branco de pouca capacidade.

¹¹⁵ Hans Schmidt, *The United States Occupation of Haiti, 1915-1934*, New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 1971; Michel-Rolph Trouillot. *Haiti, State Against Nation: The Origins and Legacy of Duvalierism*, New York, Monthly Review Press, 1990; Brenda Gayle Plummer, *Haiti and the United States: The Psychological Moment*, Athens: University of Georgia Press, 1992.



feito na Bahia, esforçou-se em defender a posição dos Estados Unidos diante dos rivais europeus, mais experientes na diplomacia e no comércio. A diferença é que a concorrência no Haiti tinha um forte aspecto geopolítico, porque várias potências procuravam estabelecer um protetorado sobre o pequeno país, na véspera da Primeira Guerra Mundial. O Haiti não só oferecia oportunidades comerciais para o capital estrangeiro, mas também um ponto estratégico para dominar as águas do Caribe.

Furniss justificou a crescente influência econômica e militar dos Estados Unidos no Haiti pela necessidade de fazer valer a famosa Doutrina de Monroe contra o imperialismo europeu nas Américas. Mas há indícios de que Furniss, no fim de sua permanência no cargo no Haiti, começou a desconfiar dos representantes das empresas norte-americanas no país. Especificamente, reclamou que os agentes do National City Bank (hoje Citibank), que tinham negociado o financiamento do banco nacional haitiano, estavam abusando dos seus poderes para influir na política haitiana, deixando-o ao lado.¹¹⁶ Em julho de 1915, a Marinha Norte-americana começou uma ocupação militar da república do Haiti, que durou quase vinte anos, em parte para garantir ao banco a recuperação de seu empréstimo.

Mesmo fora do governo, Furniss manteve uma casa no Haiti durante alguns anos, e atuou como intermediário entre os haitianos e os norte-americanos. Foi assessor financeiro do governo do General Davílmar Theodore (1914-1915) e era em casa de Furniss que os militares norte-americanos se reuniram com o Senador Philippe Sudre Dartiguenave, para negociar uma transferência do poder para esse, depois da invasão, em 1915.¹¹⁷ Eventualmente, Furniss ficou decepcionado com a situação no Haiti e voltou para os Estados Unidos. Como não tinha mais cargo oficial, agora era livre para expressar suas ideias e, em 1917, fez uma palestra na Howard University, sobre o “Haiti e seus problemas”.¹¹⁸ Em 1928, seu nome aparece num abaixo-assinado pacifista, pedindo ao Senado que renunciasse a qualquer intervenção armada dos Estados Unidos na política interna de outro país.¹¹⁹

¹¹⁶ USNA, RG 59, Decimal File 838.51/291, M-610: 51, “Furniss to Secretary of State”, Port au Prince, 11/11/1911.

¹¹⁷ “Protests Filed Over Haiti Note Issue”, *Salt Lake Tribune*, 13/02/1915, p. 4.

¹¹⁸ Catalogue of Howard University 1916-1917, Washington: Howard University, 1917.

¹¹⁹ John A. H. Hopkins, *Machine Gun Diplomacy*, New York: Lewis Copeland Company, 1928.



Fora isso, o nome de Furniss praticamente desapareceu do mundo político depois da sua volta do Haiti. É triste notar que ele chegou a sofrer desconfiança do próprio Departamento de Estado, ao qual tinha servido com tanta dedicação por dezesseis anos. Documentos internos revelam que, durante uma época de paranóia e racismo, depois da Primeira Guerra Mundial, foi investigado como um subversivo “antiamericano”, com ligações com uma conspiração internacional no Haiti, por ter criticado a ocupação militar desse país.¹²⁰ É importante notar que ele nunca foi formalmente acusado, mas, sem dúvida, esse tipo de boato impediu sua volta à diplomacia. O seu exemplo voltava a ser citado na imprensa negra, de vez em quando, em matérias que lamentavam a falta de representação negra na diplomacia norte-americana.¹²¹

Com a mulher e os dois filhos, Furniss se estabeleceu em Hartford, Connecticut, e se dedicou à medicina, a sua primeira profissão, atendendo pacientes quase até a sua morte, em 1955. Connecticut, à diferença de Indiana, não tinha nenhuma lei contra o casamento inter-racial. Mesmo assim, uma neta dele conta que foram criados sem falar na sua categoria racial, e que ele nunca, na frente deles, se identificava como negro.¹²² Só descobriu a história completa anos depois da sua morte, quando, passeando com o marido e os filhos em Washington, resolveram pesquisar nos Arquivos Nacionais para descobrir alguma coisa sobre a carreira diplomática do falecido avô, e se surpreenderam ao ver, na documentação oficial, referências a ele como negro. Ela supôs que um dos motivos que ele teve para esconder ou mudar a sua identidade

¹²⁰ Supostamente, ele participava de um complô inglês, que envolvia os capitalistas do Royal Bank of Canada e os radicais negros seguidores do jamaicano Marcus Garvey, com o propósito de ferir os interesses dos Estados Unidos no Haiti. Tudo parece muito improvável e, especialmente, a ideia de que Furniss servisse de intermediário entre esses grupos. Robert A. Hill and Marcus Garvey, *The Marcus Garvey and Universal Negro Improvement Association Papers*, Berkeley: University of California Press, 1983. Entre os documentos da investigação há o seguinte: William L. Hurley to J. Edgar Hoover, Washington, 11/01/1921, pp. 130-1. Hoover, poucos anos depois, se tornou o famoso chefe da FBI (Federal Bureau of Investigation). A neta de Furniss opina que, como ele viajara para a Alemanha, entre as Guerras Mundiais, para fazer cursos de medicina e para visitar a família da esposa, isso também poderia ter levantado suspeita sobre a sua lealdade.

¹²¹ Lester A. Walton, “Negro Editor Questions Wilson Administration’s Consistency”, *New York Times* 14/08/1913, p. 8; Lucius C. Harper, “Dustin’ Off the News: Have We Lost or Have We Gained?”, *Chicago Defender*, 11/12/1937, p. 16.

¹²² Entrevista com a neta de Furniss, Diane Furniss Happy, Gainesville, 31/08/2009.



racial era para proteger Dr. William Furniss, o pai dela. Como William era médico obstetra, ele poderia ter sofrido uma desconfiança por parte de algumas pacientes brancas, se soubessem que ele era, pelos conceitos norte-americanos, “negro.” A neta conta ser muito orgulhosa do avô, por ter vivido tão dignamente, apesar de tantos obstáculos.

Durante a sua vida, Furniss conseguiu adotar identidades diferentes, dependendo das vantagens que elas traziam nos lugares onde estava. Em Indianápolis e em Washington, ele era negro, especialmente para os fins do Partido Republicano. Em Connecticut, era branco, ou pelo menos foi assim que entenderam os netos. Na Bahia, era mestiço, conheceu a liberdade e gozou de um prestígio que ele não tinha no país natal. O caso especial de Furniss não serve nem para confirmar nem para negar a discutida hipótese de que a Bahia seja um “paraíso racial.” Por ser um oficial estrangeiro, era isento, de certa forma, de classificação no sistema local. Mas, com certeza, a experiência de Furniss na Bahia marcou a sua vida.

Conclusão – Dos tempos de Furniss para hoje

Há várias coisas que podemos observar, comparando as passagens dos diplomatas Furniss e Rice pela Bahia. A primeira é que, nesta época atual, em que políticos negros ocupam até os cargos mais altos da república norte-americana, é importante lembrar como foi limitada a participação do negro no governo dos Estados Unidos durante tanto tempo. Foram pioneiros como Furniss que abriram as portas para os políticos de hoje, como Condoleezza Rice, Colin Powell e Barack Obama.

Uma segunda coisa que nos chama a atenção é que Rice tem a mesma filiação partidária que Furniss tinha. Mas esse fato só serve para mostrar o quanto tem mudado a posição do Partido Republicano nos últimos cem anos. Naquela época, diferente de hoje, eram os republicanos que contavam com o apoio em massa do eleitor negro, devido às suas origens abolicionistas, enquanto o Partido Democrata era uma união difícil entre os ruralistas brancos do Sul e os trabalhistas (muitas vezes imigrantes) das cidades do Norte. Essa união teve seu momento máximo na política social de Franklin Delano Roosevelt, mas, a partir dos anos 40, os



partidos começaram a trocar as suas bases geográficas. Os republicanos, hoje, têm seu apoio mais firme no Sul, e os democratas, no Norte.

A mudança não é só geográfica, mas também filosófica. Os republicanos do tempo de Furniss usavam o poder público para promover a igualdade de oportunidades de participação na economia, coisa que os ortodoxos do partido hoje questionam, por serem contra o ideal do “mercado livre.” Mesmo se os programas para melhorar a saúde, a educação e a participação política da população negra após a Guerra Civil fossem organizados para fins partidários, e o alcance deles fosse muito restrito, fizeram uma grande diferença na vida da família Furniss. Pelo estudo e pelo trabalho, eles aproveitaram as poucas oportunidades que tiveram. Essa experiência própria junto com a formação científica dele e o clima de otimismo nos Estados Unidos sobre o progresso econômico e tecnológico deram a Furniss uma visão positiva da capacidade da organização social, para melhorar a qualidade de vida. Hoje, o Partido Republicano tem uma visão muito mais tímida dessa capacidade.

Uma terceira coisa que chama a atenção é que, para Rice, era importante afirmar a sua identidade de afrodescendente ao falar sobre a Bahia, em parte para influenciar a opinião pública, mas, para Furniss, parece que foi preciso evitar chamar atenção para essa parte, pelo menos quando não estava entre os amigos em Indianápolis. Podemos ver, ao longo do século XX, o crescimento da aceitação da cultura negra nos dois países, como “cultura” e também como papel importante de assuntos culturais nas relações internacionais.¹²³ Os temas raciais deixaram de ser quase indiscutíveis para se tornarem um assunto de importância oficial.

Texto recebido em 24/09/09 e aprovado em 26/05/10

¹²³ Essas ligações transnacionais são tratadas em Livio Sansone, *Blackness Without Ethnicity*, New York: Palgrave, 2003. Vale a pena observar que o interesse na cultura afro-baiana, por parte de Franklin Frazier (da Howard University), Donald Pierson, Charles Wagley, Ruth Landes e outros estudiosos dos Estados Unidos, ajudou na sua valorização dentro da própria Bahia, como foi retratado por Jorge Amado no romance *Tenda dos Milagres*. Eventualmente, o Consulado dos Estados Unidos na Bahia também participou dessa aproximação, através da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos. Ali, nas décadas de 1970 e 1980, a adida cultural Frances Switt fez muito para promover o intercâmbio de escritores, artistas e músicos, interessados em temas de cultura africana no Brasil e nos Estados Unidos.





Resumo

O Dr. Henry Watson Furniss serviu como Cônsul dos Estados Unidos na Bahia, de 1898 a 1905, e se distinguiu no cargo pela sua dedicação a melhorar as relações comerciais e científicas entre o Brasil e o seu país natal. O que faz ainda mais notável a sua carreira diplomática é o fato de ele ser um dos poucos funcionários do Departamento de Estado dessa época que se identificava como afro-norte-americano. O tempo que passou na Bahia permitiu que observasse e comparasse os sistemas de distinção racial prevalentes nos Estados Unidos e no Brasil. Na sua própria vida, Furniss muitas vezes teve que adotar diferentes identidades raciais, conforme as circunstâncias. A sua identificação como diplomata afro-norte-americano teve importância política, mas também apresentou certas dificuldades. Examinar sua vida nos permite identificar algumas mudanças em questões raciais nos últimos cem anos.

Palavras-chave: Bahia, Brasil, Estados Unidos da América, relações internacionais, Afro-norteamericano, classificação racial, medicina tropical

Abstract

Dr. Henry Watson Furniss served as United States Consul in Bahia, Brazil from 1898 to 1905, and he distinguished himself in the post through his dedication to improved commercial and scientific relations between the two countries. His diplomatic career was especially remarkable because he was one of very few employees of the U.S. State Department during this time period who was identified as African-American. His time in Bahia allowed him to observe and compare the systems of racial distinctions used in the United States and Brazil. In his own life, Furniss often had to adopt different racial identities as required by his circumstances. His identification as an African-American diplomat was important for political purposes, but also presented him with certain difficulties. By examining his life and work today, we are able to identify some of the changes related to racial issues that have taken place during the last century.

Keywords: Bahia, Brazil, United States of America, international relations, African-American, racial classification, tropical medicine

